O tema do Inverno Cultural deste ano é o futebol, para além da efeméride Copa do Mundo, próximo também de sua mitologia, sociologia, memorialística, filosofia, genealogia e apelo popular. Com base na leitura dos textos a seguir, redijam matéria de no máximo 50 linhas, para montagem do kit de imprensa a ser distribuído na primeira coletiva do festival, agendada para a próxima quinta-feira, 3 de abril, no Campus Sete Lagoas.

Serão avaliadas: clareza, concisão, criatividade, correção ortográfica e pertinência à proposta. Não se esqueçam tratar-se de texto de caráter institucional.

Sorte!

TEXTO 1

**O homem cujo pé era uma bola**

Miguel Nicolelis (codiretor do Centro de Neuroengenharia da Universidade de Duke)

A partir do fim dos anos 60, seguindo os conselhos do mais fanático palmeirense que eu conheci, o inesquecível Tio Dema, o futebol passou a ocupar uma parte essencial da minha vida. Ao longo dessas décadas dedicadas à profissão de torcedor torturado, muitos momentos também inesquecíveis, passados nas arquibancadas de estádios pelo mundo afora ou à frente de uma TV (ou computador, nos últimos anos), marcaram também minha carreira de cientista.

Quando, no ano 2000, o editor da revista científica inglesa *Nature* pediu que eu iniciasse um artigo com alguma descrição que instigasse a imaginação dos leitores sobre as maravilhas que o cérebro humano é capaz de realizar, não hesitei um milissegundo. No primeiro parágrafo daquele que se tornou um dos meus artigos mais citados na literatura neurocientífica, narrei, em muitos detalhes, a jogada que originou o primeiro gol da seleção brasileira contra a Itália na final da Copa do Mundo de 1970, no México.

Numa outra ocasião, durante a abertura de uma palestra no Instituto Max Planck, na cidade alemã de Tubingen, três dias depois da vitória da seleção canarinho na Copa do Mundo de 2002, na Coreia do Sul e no Japão, simplesmente não pude me conter mais uma vez. Contrariando o apelo aflito do meu filho mais velho, presente na plateia, não tive dúvida em abrir minha aula, num auditório lotado de neurocientistas alemães sisudos, com uma imagem mostrando o esforço em vão do goleiro alemão Oliver Kahn, tentando se esticar todo para impedir mais um gol do fulminante ataque brasileiro. O título do slide era: *I Kahn’t get it!* Para minha total surpresa, assim que a imagem foi projetada, toda a plateia germânica veio abaixo ⎯ no bom sentido ⎯ e muitos desses colegas, até hoje, se lembram daquela provocação com bom humor.

Entre todas as histórias e emoções desfrutadas nessa minha carreira paralela de torcedor profissional, poucas se comparam ao privilégio de poder testemunhar, sempre ao lado do querido Tio Dema, em tardes passadas nas arquibancadas do antigo Parque Antártica ou no charmoso Estádio Municipal do Pacaembu, os embates épicos entre as várias Academias palmeirenses e o Santos de Pelé, disparado o melhor jogador de futebol de todos os tempos, pelo menos deste lado da Via Láctea.

[...] Apesar de ser palmeirense até a última célula do corpo e torcer em cada jogo desesperadamente pela vitória do esquadrão alviverde, havia algo muito especial em visualizar aquela libertação de ferocidade e destreza motora que o furacão cinemático chamado Pelé realizava ao longo de um prélio. Enquanto antes da partida ele até parecia uma pessoa comum, dando entrevistas no gramado, bastava que o apito inicial soasse para que todos no estádio entendessem instantaneamente por que aquele homem fora apelidado com o nome de um vulcão do Caribe.

[...] esse era o efeito do Pelé terrestre. Uma erupção contínua de movimentos, de dribles, arrancadas, gingas e, sobretudo, de chutes mortais, com cada uma ou ambas as pernas; no chão ou no ar, de pé ou de cabeça para baixo, bem no meio de uma de suas bicicletas que desafiavam a gravidade e faziam todo um estádio ficar sem ar.

O desejo de marcar gols era tão obsessivo e compulsivo nesse vulcão brasileiro que tudo o que as leis da física permitem Pelé realizou para chegar ao objetivo; até tabelar com as pernas com dos adversários. Revendo filmes daqueles tempos, é assombroso confinar as inúmeras vezes que Pelé, não tendo alternativa, em vez de desistir ou passar a bola, achava uma forma de recrutar seus marcadores para que esses, involuntariamente, o ajudassem a abrir caminho rumo ao gol. Não é exagero especular que, se houvesse um prêmio de melhor jogador do mundo naquela época, Pelé o teria ganho, ininterruptamente, de 1958 a 1973. E não me venham com Messi ou Maradona. Como Pelé não houve, não há e jamais existirá. Quem viveu e viu sabe. Ponto final.

De todos os malabarismos e desafios à lógica que eu presenciei Pelé fazer em campo, a característica que mais me marcou foi verificar, jogo após jogo, como a bola parecia, sem hesitação, grudar em seus pés e, dali para a frente, se recusar a se separar daquele que a tratava como ninguém mais era capaz. Curiosamente, anos depois, um dia eu deparei com uma gravação realizada pela rádio inglesa BBC durante um amistoso Brasil x Inglaterra, disputado no Maracanã, em 30 de maio de 1964. Durante aquele verdadeiro massacre futebolístico (5 x 1) imposto pelos então bicampeões mundiais aos futuros campeões do mundo, o lance do primeiro gol brasileiro desnorteou o locutor da BBC a ponto de levá-lo a dizer que Pelé realmente não devia ser deste universo.

[...] Meio século depois daquele jogo histórico, em todas as minhas palestras pelo mundo afora, é esse o exemplo que uso para descrever como nosso cérebro de primata assimila todas as ferramentas que cada um de nós utiliza no cotidiano ⎯ nossos carros, nossos telefones, nossas roupas, raquetes, bolas, etc. ⎯ como uma verdadeira extensão do nosso corpo biológico. Levado ao limite da sua capacidade de assimilação, nosso cérebro permite que alguns de nós atinjamos graus impressionantes de proficiência no manuseio de ferramentas artificiais e objetos inanimados. Muito provavelmente é dessa voracidade cerebral em assimilar tudo ao seu redor que emergem os exímios violinistas, pianistas e também craques de futebol, esses heróis populares que nos permitem manter por toda uma vida, ainda que tenuamente, laços quase imemoriais com nossa infância e juventude.

(26 grandes brasileiros explicam o futebol e a Copa no Brasil. Abril na Copa,

edição especial, 2014)

TEXTO 2

**Uma imagem para ficar**

Rob Hughes (jornalista esportivo inglês, cobriu todas as copas desde 1974)

A foto que acompanha este artigo é um dos melhores retratos tirados num campo de futebol. A partida acabou, há um vencedor e um perdedor. Aliás, a imagem é um símbolo da Copa do Mundo, o prêmio máximo do futebol, passando de um homem a outro.

Mas você vê alegria e tristeza? Ou vê nesse abraço, no sorriso e nos olhos desses homens algo que vai além de um vencedor e um perdedor? A foto é de quarenta anos atrás, e há grandes chances de ela continuar viva pelos próximos quarenta.

Foi tirada durante a Copa de 70, no México, quando a Inglaterra, a campeã de 1966, perdeu o troféu. O Brasil venceu por 1 a 0 em Guadalajara e foi em frente até vencer o torneio, jogando com o que talvez fosse o melhor time de futebol da história.

Acima de tudo, a foto captou o respeito mútuo entre os atletas. Enquanto eles trocavam camisas, abraços e olhares, o espírito esportivo inundava a imagem.

Nada de malícia ou de comemoração velada da parte de Pelé.

Nada de tristeza ou derrotismo da parte de Bobby Moore.

Bobby Moore, para muitos o melhor zagueiro da história da Inglaterra, morreu de câncer em 1993. Essa foto era a favorita de sua carreira, ao longo da qual foi capitão da seleção por noventa vezes, incluindo o dia em que a Inglaterra ganhou a Copa.

Pelé, tricampeão do mundo e o jogador mais completo da história, ainda considera essa foto como um momento determinante de sua vida.

“Bobby Moore era meu amigo e o melhor zagueiro que enfrentei”, declarou ele quando o inglês morreu. “O mundo perdeu um de seus melhores jogadores e um cavalheiro muito honrado.”

E agora o mundo perdeu o terceiro homem para quem essa imagem tinha grande significado.

John Varley, o fotógrafo, morreu em sua cidade natal, Yorkshire, no norte da Inglaterra. Varley, que tinha 76 anos, era um fotojornalista com um olhar sensível para o que estava além do noticiário.

Seu jornal, o *Daily Mirror* de Londres, enviou-o a guerras e a desastres naturais. E ele exerceu bem sua função. Numa época em que não havia câmeras digitais ou foco automático, ele tinha o que outros fotógrafos descreveram como um instinto para estar onde as coisas podiam acontecer, e paciência para esperar o momento crucial.

O abraço entre Moore e Pelé foi um desses momentos. Olhe de novo para a foto. Volte em pensamento para 1970, quando os jogadores estrangeiros na liga inglesa ⎯ ou em qualquer outra ⎯ eram raros.

Na época, havia desconfiança em relação aos jogadores negros, algo ridículo quando se considera que Pelé era uma estrela mundial desde 1958. Isso se baseava na crença de que os não brancos careciam de vigor e de força física.

Essa foto ajudou a quebrar o preconceito. O encontro entre o inglês loiro de olhos azuis e o maior jogador da época, Pelé, ambos sem camisa, transcendia aquele absurdo.

Para tirar o retrato, Varley aproveitara uma folga de seu trabalho normal.

O contrato permitia férias a cada quatro anos, e Varley usou-as para assistir às Copas de 1966 até 1982.

Conheci-o nos últimos anos dessas empreitadas. Ele era um companheiro de viagem calado, tinha um senso de humor esquisito e, como muitos fotógrafos da época, era discreto.

Há quarenta anos, não era possível fazer fortuna como fotógrafo esportivo. O trabalho de Varley ganhou reconhecimento através da foto de um policial, com água até a cintura, salvando um bebê de uma enchente num vale inglês.

Ele tirou fotos memoráveis de crianças sofrendo durante a Guerra de Biafra ⎯ a guerra civil da Nigéria ⎯ e também o retrato simbólico de uma igreja cercada de arame farpado no violento bairro de Ardoyne, em Belfast, durante o conflito na Irlanda do Norte.

E, voltando aos esportes, foi retratar os bastidores de uma luta de boxe e tirou um instantâneo angustiante do derrotado Richard Dunn, a cabeça no chão do chuveiro.

Ao saber da morte de Varley, telefonei para um fotógrafo americano, na Califórnia. “Eu tenho essa foto de Moore e Pelé”, ele disse. “Sempre gostei dela, mas nunca soube quem era o fotógrafo.”

Típico. O homem por trás da câmera é geralmente anônimo, mesmo entre seus próprios colegas. Mas o que seria dos cadernos de esportes dos jornais sem homens como John Varley?

(piauí, n. 49, p. 82, outubro de 2010)

TEXTO 3

**O homem do futebol-arte**

Bruno Torturra



Era uma missa de sétimo dia coletiva, e o padre, um bonachão de barba grisalha, se pôs a ler uma lista de mais de 150 nomes. Lembrou-se de famílias devotas, de fiéis da paróquia, de parentes dos finados e, é claro, dos que haviam partido. Encabeçando a ladainha, um nome errado: Francisco Fortuna. Se estivesse escondido no fundo da Igreja da Ressurreição, em Copacabana, ele daria risada. Francisco Torturra passou 78 anos carregando nos documentos um nome instável. No registro, seu sobrenome era Tortura, com um erre só, versão devidamente corrompida do original italiano, Turturro, quem sabe pelo humor negro de um escrivão. Preferia assinar Torturra e foi assim que batizou as duas filhas. O segundo erre o livrou do constrangimento certo, mas abriu as comportas para outros equívocos: Tartara, Tortuga, Tertura e, por fim, Fortuna.

Torturra-Fortuna foi um homem de sorte em tudo, menos no dinheiro. Quando seu coração deu sinais de fadiga, morava no bairro do Anil, subúrbio do Rio de Janeiro, equilibrado na corda bamba das contas, dívidas e juros. Gastava o que não tinha com remédios para Irene, sua mulher da vida inteira. Chico, como era conhecido, nunca recebeu mais do que o parco salário que na época se pagava a um cinegrafista ⎯ ainda que ele fosse o melhor de todos. De 1959 a 1986, foi o homem por trás da teleobjetiva do Canal 100, o cinejornal futebolístico que abria as sessões de cinema com a trilha “Que bonito é...” Nem antes nem depois se viu futebol tão bem filmado. Chico era “o coração do Canal 100”, nas palavras do diretor e patrão Carlos Niemeyer.

Até meados dos anos 50, Torturra trabalhou como motorista da família Rodrigues, aquela do dramaturgo Nelson e do jornalista Mário Filho. Apaixonou-se por Irene, irmã dos dois, e se casaram. Milton Rodrigues, ao virar cunhado, tirou Francisco do volante e o pôs atrás de uma câmera do cinejornal O Globo Esportivo na Tela, cuja especialidade, evidentemente, era futebol. Torturra aprendeu na marra ⎯ não fazia idéia do que era um obturador ou uma lente ⎯, mas em dois anos suas imagens começaram a chamar a atenção. Foi por essa altura que Carlos Niemeyer, pândego carioca, irmão de Oscar, criou o Canal 100. Além de amigo dos Rodrigues, Niemeyer já conhecia Torturra. Chico levara de carro o arquiteto Oscar ⎯ que não voava (e não voa) por terror de avião ⎯ para conhecer o planalto vazio onde Brasília seria erguida.

Niemeyer ofereceu ao ex-chofer uma câmera com lente de 100 milímetros. Era o primeiro passo da revolução audiovisual promovida pelo Canal 100. Cada chassi tinha apenas quatro minutos de película. Se o cinegrafista começasse a filmar antes da hora, perdia o chute, o drible, o pênalti, o gol. Torturra desenvolveu o talento de filmar apenas o essencial ⎯ e intuir a jogada certa e o alarme falso. Conversava com técnicos e jogadores para se antecipar às jogadas ensaiadas. Rente ao chão, com os dois olhos abertos, um no visor, outro no campo, ocupou o fosso do Maracanã como se aquilo fosse a sua terra natal. Foi o primeiro a usar câmera lenta. Walter Carvalho, fotógrafo de *Lavoura Arcaica*, *Madame Satã* e *Carandiru*, entre outros filmes, escreveu que “Torturra posicionava sua câmera no nível da grama e dominava o percurso da bola com a destreza do seu olho e os reflexos dos seus músculos. Como Garrincha, levava a bola até o gol.”

Às vezes, dava um empurrãozinho nos fatos. Em 1962, antes da final do mundial interclubes entre Santos e Benfica, foi aos vestiários e pediu um favor a Pelé. Dito e feito. Pelé marcou três dos cinco gols que deram o título ao Peixe. A cada vez, disparou na direção de Torturra. Foi a grande virada. As imagens correram os cinemas e, nos jornais, o Canal 100 foi exaltado como arte. Cunhado cabotino, Nelson Rodrigues proclamou com voz de trovão que a lente de Torturra era “mais inteligente do que o olho humano”.

Torturra só pediu duas regalias a Carlos Niemeyer: uma câmera Arri 2C à bateria (ficar dando corda era quase musculação) e uma lente ainda desconhecida no Brasil, a zoom de 400-600 milímetros, que permitia buscar, à distância, tanto a angústia do goleiro na hora do gol como o soco no ar do centroavante. A teleobjetiva inaugurou a era do antes e depois. “Só se filmava o campo com lentes abertas”, explicava Torturra. “Mas o que me interessava era filmar o que o pessoal não podia ver da arquibancada. A expressão do jogador, a reação do adversário, as pernas correndo...” Fosse só isso, já teríamos futebol soberbo. Mas, numa tacada de gênio, Torturra teve a idéia de virar as costas para o jogo: fechou a lente no torcedor que roía a unha de radinho colado ao ouvido. De um golpe, o esporte virou drama. Torturra ensinou o Brasil a filmar futebol.

Nunca se considerou artista. “Sou um estivador”, dizia. Carregava o próprio equipamento: duas câmeras, quatro chassis, dois tripés e dois jogos de lentes. Acomodava tudo em cinco malas de metal e saía pelo mundo. Carimbou o passaporte em mais de trinta países. Em 1974, recebeu a Bola de Ouro da Fifa. Nas horas vagas, corria atrás de assunto. Filmou as ruas no golpe de 64, foi o primeiro a chegar ao incêndio do prédio da UNE no Flamengo, registrou Juscelino inaugurando Brasília e Brigitte Bardot em Búzios. Apesar de ter nascido em família modesta, de pouca instrução, foi um homem do mundo. Levava sempre na mala um *black-tie* para as ocasiões de gala. No seu último aniversário, rodeado pelos novos vizinhos, tomou uma rara cerveja e fez um discurso curtinho com a voz embargada: “Olha, eu já viajei pra caramba, morei na Zona Sul, na Barra... mas foi aqui no Anil que encontrei a felicidade.”

A última Copa que filmou foi a de 1994, como parte da enorme equipe do documentário *Todos os Corações do Mundo*, de Murilo Salles. No último trabalho no Maracanã, um foguete estourou a seu lado e ele perdeu quase toda a audição de um ouvido. Era um Fla x Flu, e pelo menos venceu o Fluminense, o time do seu coração. Foi cinegrafista até o fim da vida. Vez por outra, ganhava um troco filmando casamentos. Nem todos os casais ficavam felizes com o resultado. Não achava noivos ajoelhados propriamente interessantes. O que mais se via no material entregue era um tio cochilando, uma sogra aos prantos, um recém-nascido babando, um adolescente com cara de tédio. Canal 100 puro.

Francisco Torturra morreu de parada cardíaca na UTI de um hospital público, dormindo, horas antes de se submeter a uma ponte de safena. Era o dia 2 de março. Estava no Espírito Santo visitando sua primeira bisneta, na única viagem que fizera em anos, pois se recusava a deixar a mulher sozinha. Irene foi a última sobrevivente dos catorze Rodrigues. Até o fim da vida, dormiram na mesma cama.

A capelinha do Cemitério São João Batista se encheu de parentes, vizinhos e também de gente que surgia pela porta dizendo que mal o conhecia, mas o adorava. Nenhuma nota na imprensa, nenhum jogador de futebol, técnico, comentarista, árbitro. Nem um mero gandula deu as caras. Foi enterrado, sob aplausos, no jazigo de Mário Rodrigues (pai), ao lado de Nelson e Mário Filho.

(piauí, n. 19, p. 12, abril de 2008)

TEXTO 4

**São Vicente e Pelé**

*Ter sido exposto à força e à beleza do futebol da Baixada Santista dos anos 50 e 60, como se ele fosse normal, pode ter provocado danos irreversíveis à minha personalidade*

José Miguel Wisnick (músico, compositor, ensaísta e professor de Literatura na USP. Trecho de *Veneno Remédio: o Futebol e o Brasil*)

Nasci na Baixada Santista, no litoral paulista, em São Vicente, cidade que compartilha a ilha do mesmo nome com a sua vizinha, a tradicional cidade portuária de Santos, colada a ela como se fossem uma só cidade em duas. Vivi ali até os 18 anos, entre 1948 e 1966. Era um mundo fusional de cidade, praia e mangue, onde o futebol estava em toda parte. Nos terrenos vazios e ruas não pavimentadas, em terrenos alagadiços de lama escura, a molecada esperava a muito custo a digestão do almoço para começar um jogo que terminava sempre na boca da noite, e se estendia por todo o verão de férias. Muitas vezes voltei coberto da cabeça aos pés, sempre descalço e sem camisa, daquela lama ⎯ como um camisa dez. Mais tarde, as aulas de educação física do meu ginásio se faziam na praia, e consistiam num jogo de futebol sem trégua, desde as 7 horas até quase o final da manhã, por conivência de um professor interessado em outras atividades, que nos deixava sob as ordens do apito final de um salva-vidas.

[...] Era o futebol, acima de tudo, que evidenciava São Vicente e Santos como duas cidades diferentes, [...] Através do campeonato, os bairros mais remotos e desiguais da cidade se comunicavam, se entremostravam e dividiam campos comuns. Do Catiapoã à Vila Voturuá, da praia ao parque Bitaru, o fim de semana transfigurava o dia-a-dia numa festa de cores e convertia uma população de operários, empregados do comércio, biscateiros e funcionários em seres algo míticos, embora irrecusavelmente terrenos no choque dos corpos com o capotão, eclodindo na potência sonora dos chutes, em meio à lama preta, seu cheiro penetrante como o da grama ⎯ tudo a uma distância curtíssima, de tirar o fôlego. [...] Tudo fazia justiça à frase de Nelson Rodrigues: “A mais sórdida pelada é de uma complexidade shakespeariana.”

[...] Quando a maré baixa, as praias de Santos e São Vicente se oferecem como extasiantes e granuladas mesas de bilhar ao sol, prateadas ao crepúsculo, na beira líquida e firme do vai-e-vem do mar. Ali se jogou, durante tardes infinitas, um futebol sem fronteiras definidas, e onde, aí sim, não se distinguiam mais as duas cidades. Com dois “gols-caixote” de cerca de 1 metro, demarcados com pedaços de madeira ou chinelos, e participantes às vezes inumeráveis, juntados ao acaso, o jogo se estendia interminavelmente, e em geral semi-esquecido do placar, que importava menos do que a condução e a disputa da bola, o festival desperdiçante dos dribles, o descortino inusual dos passes, a brisa e a água do mar espirrando nas divididas pela beirada.

O modo de organização dessa cultura lúdica era simples: quem chegava à praia e se aproximava de um grupo já reunido em torno de uma bola, no momento da formação dos times, entrava no jogo a partir do par-ou-ímpar de dois representantes apontados para escolher os demais. Quem se apresentava para um jogo em andamento, de preferência em dupla, era admitido na forma do um-para-cada-lado, até o limite numérico do generosamente razoável. Esse regime de inclusão espontânea me parecia tão natural como a própria natureza, o mar e o morro.

[...] Nos anos 90, se não me engano, fui sentindo uma mudança que a consciência demorou a registrar: tornava-se mais difícil entrar nos jogos. Eles escasseavam. Os grupos já chegavam equipados com camisetas básicas, mas pré-distribuídas, traves e redes instaladas, e um cordão de isolamento com que cercavam e cerceavam o espaço da disputa.

[...] Como acontece na constituição de todas as formas míticas, aquela utopia lúdica me foi dada a ver, com toda a sua evidência, justamente quando ela se mostrava já transitória e passada. [...] Estudos sociológicos sobre futebol batem quase sempre na tecla dos conflitos sociais que fazem do jogo a sua maneira de expressão ⎯ como se o jogo fosse antes de mais nada um instrumento da necessidade de manifestar os choques sociais, quase que a sua alegoria. Esses conflitos certamente estão e estavam lá, naquela São Vicente. Mas eram menos esquemáticos em si e menos visíveis para um garoto de classe média como eu, imerso nas possibilidades dadas por uma ilha de fantasia que era, ao mesmo tempo, real. Ao sociologismo automático prefiro ainda o meu idealismo ginasiano ⎯ porque me foi dado ver ali o substrato autenticamente lúdico do jogo, e a margem de certa gratuidade irredutível que ele guardava. Essa margem vai ficando inverossímil num mundo ostensiva, extensiva e intensivamente capitalizado.

Em 1956, com 7 ou 8 anos de idade, me vi às voltas com a escolha do time a torcer. Para a criança já capturada pelo fascínio do futebol, talvez seja essa a primeira decisão pressentida como um ato que alterará a sua vida inteira. [...] Depois de um exame das alternativas, a minha dúvida se concentrou em duas possibilidades: o São Paulo Futebol Clube, que era o time do meu pai, e o Santos Futebol Clube, que tinha o atrativo de estar bafejado por uma aura de proximidade e de ter sido, depois de vinte anos sem títulos, campeão no ano de 1955. [...]

Num dia qualquer de 1957, vi numa gazeta esportiva a foto de um garoto que vinha se destacando no Santos. No ano seguinte, esse garoto se chamava Pelé e fazia parte da seleção brasileira, e a seleção brasileira, num domingo infinito que parece a própria final dos tempos, era campeã do mundo. Quando Pelé voltou para a Vila Belmiro ⎯ o pequeno estádio do Santos ⎯, já se podia ouvir pelo rádio, no momento em que a bola chegava a ele, um alarido diferente na plateia, um clamor excitado e ansioso, uma marca de sagração.

[...] Como é sabido, o Santos ganhou ⎯ no período de 1956 a 1969, que coincide, na maior parte, com a minha “vida útil” de torcedor na Baixada Santista ⎯ os campeonatos paulista (58-60-61-62-64-65-67-68-69), brasileiro (61-62-63-64-65-66), Rio-São Paulo (59-63-64-66), sul-americano (62-63) e mundial (62-63), ao mesmo tempo que excursionava por todos os quadrantes. [...]

O que se passou ali tem pouco registro em vídeo. Pelé é um ser de transição entre o futebol do rádio e o da televisão, cujos teipes contribuíram para torná-lo o símbolo de alcance planetário que ele é. [...] Ali, aconteceu de tudo o que se pode e o que não se pode imaginar em matéria de criação futebolística. Como um fabuloso time que pode jogar junto muito tempo, o que não acontece mais, a combinação dos talentos e da genialidade se decantou e quintessenciou fantasticamente. [...] A alvura do uniforme, por sinal, sem a poluição da logomarca do patrocinador, que não existia, em contraste com as peles negras de sua linha atacante (descontado Pepe, a ovelha branca), e só se deixando marcar pelo distintivo alvinegro no coração, era um ícone e um ideograma de alguma fórmula alquímica que tivesse sido alcançada ali. [...]

Ao mesmo tempo, o Santos era um time real que também perdia. Às vezes, Pelé jogava mal ⎯ embora pudesse reverter esse fato a qualquer momento. A equipe tinha épocas de crise. Mesmo num grande dia, podia se deparar com um adversário à altura, como o Palmeiras o foi tantas vezes nesse período. [...] Esse é, de todo modo, um corretivo a fazer às insistentes idealizações de times mitificados e supostamente prontos e perfeitos desde sempre, contrapostos às equipes atuais, vistas como insatisfatórias desde o primeiro instante. O imaginário, e talvez em especial o brasileiro, tende a renegar a necessidade da contínua construção de um time por meio da invocação idealizante de um passado impecável (como se o futebol não fosse, entre todas as artes, aquela que exibe o rascunho de si mesma como o seu resultado final).

Nesse período, o time do Santos passou a transitar entre o bairro e o mundo, virando lenda transcontinental, com seus episódios inéditos e folclóricos conhecidos (guerras interrompidas na África para ver os jogos, juízes depostos pela torcida na Colômbia para que Pelé, expulso, voltasse a campo etc.). A memória, por outro lado, guarda restos de uma domesticidade provinciana: Pelé, já campeão do mundo, como sentinela no quartel do 2º Batalhão de Caçadores, em São Vicente, onde cumpria o serviço militar; contratado como gerente-propaganda da loja A. D. Moreira, perto da praça Barão do Rio Branco, no início da sua fama; deixando a irmã, de manhã cedo, na porta do colégio público onde eu estudava. [...]

Quanto a mim, fui condenado a não poder deixar de viver tudo aquilo senão como se fosse natural ⎯ insisto, como o morro e o mar. Um amigo dez anos mais novo, e também torcedor do Santos, ao ver filmes do auge da era Pelé, afirmou sem hesitar que o fato de eu ter sido exposto, em tenra idade, à força daqueles fatos, “como se isso fosse normal”, produziu danos irreversíveis à minha personalidade. [...] Na melhor das hipóteses, ela se refere à minha incurável tendência a ver sentido em tudo.

(piauí, n. 20, p. 18-22, maio de 2008)

TEXTO 5

**A Fifa chamou a mulher errada**

Por Dorrit Harazim, Observatório da Imprensa (www.observatoriodaimprensa.com.br)

Reproduzido de *O Globo*, 5/5/2013

Foi no 61º congresso da Fifa, realizado em Zurique em meados de 2011, que Sepp Blatter, o presidente eleito pela quarta vez, anunciou a novidade às 206 confederações ali representadas: a partir daquele ano seria criado um novíssimo comitê, inteiramente independente, para monitorar o funcionamento e aprimorar a idoneidade do órgão máximo do futebol mundial.

Medida um tanto tardia considerando-se que as primeiras provas da avalanche de falcatruas e alegações de corrupção na entidade haviam sido expostas pela primeira vez doze anos antes, pelo autor de livros investigativos David Yallop. Em *How They Stole The Game* (*Como eles roubaram o jogo*, Record, 1998), o inglês Yallop focara na compra de votos africanos para que Blatter sucedesse a seu padrinho brasileiro João Havelange.

O colossal escândalo ISL, referente ao generoso suborno embolsado por Havelange e seu genro Ricardo Teixeira da empresa de marketing International Sports and Leisure, também já vinha sendo escarafunchado há anos. Repórteres internacionais incômodos e obcecados como o escocês Andrew Jenkins (autor, entre outros, de *Jogo sujo ⎯ o mundo secreto da Fifa*) ou jornalistas determinados como o brasileiro Juca Kfouri não deixavam o escândalo morrer. As muitas outras improbidades que se seguiram também não conseguiram ser varridas para baixo do tapete.

Urgia, portanto, fazer algo antes que os negócios da Fifa começassem a ser afetados.

**Recomendação descartada**

A instalação do inovador Comitê Independente de Governança recebeu elogios até mesmo da Interpol. Presidido pelo professor de Direito Criminal Mark Pieth, o comitê era composto por dez membros vindos de oito países.

Além de Pieth, nove homens e uma mulher ⎯ a canadense Alexandra Wrage. Sepp Blatter, João Havelange e todos os encrencados da Fifa deveriam ter lido pelo menos o livro de Wrage, *Bribery and Extortion: Undermining Business, Governments, and Security* (*Suborno e extorsão: minando negócios, governos e segurança*, sem edição no Brasil) para saber que ela entende de corrupção tanto quanto eles. Se não mais. O título do primeiro capítulo é ”Ladrões, bandidos e cleptocratas”.

Formada em Direito por Cambridge e há seis anos na lista das 100 Pessoas Mais Influentes na Ética Empresarial da revista Ethisphere, Wrage já presidiu o Comitê Anticorrupção da Ordem dos Advogados dos Estados Unidos. É fundadora da Trace, a principal entidade internacional de apoio a corporações no combate a todo tipo de corrupção. Organização sem fins lucrativos, tem afiliados que pagam anuidade espalhados por todo o mundo e um site (bribeline.org) em 21 línguas para denúncias anônimas de práticas de extorsão e suborno por qualquer pessoa, em qualquer canto do mundo.

Pois bem, foi com essa mulher a bordo que o Comitê Independente de Governança montado pela Fifa produziu um primeiro relatório em março de 2012, em apenas três meses de trabalho. É possível que o grupo tenha detectado procedimentos e lacunas tão gritantes que achou conveniente elencá-los de imediato para correção rápida. Mas nada foi feito. O Comitê trabalhou mais doze meses e produziu um segundo relatório, apresentado em fevereiro último. Tudo indica que tampouco esse novo lote de sugestões foi encampado.

Assim, duas semanas atrás, Alexandra Wrage abandonou a Fifa à própria sorte. Ou, como diz, deixou “esse antiquado clube de homens a lustrar o verniz” enquanto a fundação continua a ruir.

Desde então, ela atende quem se interessa em saber o que houve. BBC, CNN, Forbes correram atrás. O retrato que emerge de suas entrevistas é de uma Fifa entrincheirada. Um dos papéis cruciais atribuídos ao Comitê dito Independente fora o de indicar nomes para cargos críticos numa nova estrutura mais arejada. Após criteriosa seleção, o Comitê sugerira oito nomes, entre os quais os de duas mulheres recomendadas para o setor de Ética. Todos foram vetados.

Wrage conta que foi instada por dois altos executivos da casa a garimpar mais candidatos homens uma vez que candidatas mulheres não seriam aceitas. Ficou estarrecida. A canadense, que trabalha em países e continentes reputados pela fraca adesão ao catecismo feminista, não tinha ouvido afirmação de preconceito tão explícita e direta há pelo menos três décadas.

O Comitê também recomendara que o Conselho Executivo da Fifa cogitasse aceitar membros de fora da entidade, para sinalizar um início de transparência e alinhamento com modernas corporações e organizações mundiais. Proposta rejeitada. A Fifa continua sendo uma sociedade secreta, sem prestar contas a ninguém.

A recomendação de acompanhar a tendência mundial e tornar públicos os salários e gratificações de seus executivos foi descartada com o argumento de que a questão serviria mais à curiosidade pública do que a uma melhora de governança.

**“Mais decotada”**

Wrage conclui que somente o governo da Suíça é capaz de fazer com que a Fifa, algum dia, se dobre às leis da transparência. Isso porque a entidade está sentada em cima de um baú de US$ 1,4 bilhão em reservas. Livres de impostos. “Blatter virtualmente declarou sua missão de saneamento cumprida, não vai debater com ninguém nem vai se explicar”, diz a canadense. “O que não é surpreendente para um homem que descreve a Fifa como se fosse um Estado soberano presidido por ele.”

Mas ainda que Blatter seguisse à risca todas as recomendações caras a Wrage, dificilmente os dois se entenderiam. É que alguma sequela deve ter ficado em Blatter de um cargo que ocupou nos anos 1970: foi presidente da Sociedade Mundial dos Amigos das Cintas-Ligas. Repetindo: presidente da Sociedade Mundial dos Amigos das Cintas-Ligas. A organização se formara em protesto à substituição das sensuais cintas-ligas pelo uso das meias-calças, bem mais práticas, que apareceram com a invenção do náilon. Trinta anos depois, o mesmo Blatter, já presidente da Fifa, sugeria que as jogadoras de futebol deveriam usar “short mais apertadinho e camisa mais decotada” para “criar uma estética mais feminina”.

Cada qual com sua visão de transparência.

Dorrit Harazim é jornalista.

Disponível no site do Observatório, edição 745, 07/05/2013